

INTERVALO ORIENTADO UMA ALTERNATIVA PARA MINIMIZAR CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Jávylla Danyvia Amorim do Nascimento ¹
Lúcia de Fátima da Cunha ²

RESUMO

O presente trabalho buscou estimular a interação e socialização entre crianças de uma turma com quatorze alunos do 1º ano do ensino fundamental com idade entre 6 e 7 anos, durante o intervalo em uma escola da rede privada, pois é nesse momento que ocorrem diversos conflitos entre os alunos, tendo considerado também o distanciamento involuntário ocorrido durante os anos de 2020 a 2021 devido a pandemia, onde eles deveriam estar tendo experiências sociais na educação infantil. Entendemos que socialmente as crianças refletem o ambiente em que vivem, a maioria está muito ligada aos jogos eletrônicos que acabam tornando as crianças cada vez mais distantes das relações sociais. Por esse motivo, tornou-se importante ressignificar o intervalo e proporcionar aos alunos brincadeiras orientadas no momento do recreio. Dessa maneira, buscamos minimizar os conflitos e contribuir para a interação das crianças inclusive para as crianças mais introspectivas que também foram oportunizadas a manter relações sociais com os outros e com o mundo. Dessa forma, atividade lúdica além de ser um aspecto fundamental na estrutura social, estimula, também, a criatividade, contribuindo para um recreio mais saudável. Após as intervenções foi possível perceber uma mudança no comportamento das crianças, elas começaram a reproduzir as brincadeiras, refletindo aquilo que tinham aprendido. Dessa forma, construiu-se uma nova cultura durante esse momento tão rico que é o intervalo escolar.

Palavras-chave: Brincadeiras, intervalo, pandemia, interações sociais.

INTRODUÇÃO

A educação como um todo está repleta de desafios e elas são cada vez mais crescentes, atingindo alunos de todas as idades. A falta de interação social teve um maior agravamento devido ao Covid-19, a escola se tornou um ambiente ainda mais repleto de complexidade devido às sequelas deixadas por esse período histórico e essas alterações são apenas o começo. Por esse motivo, buscamos neste trabalho destacar a importância das relações sociais para formação das crianças durante as primeiras etapas da vida escolar, por meio das brincadeiras que ocorrem durante intervalo. Motivado pela perceptível necessidade de envolvimento entre as crianças, que após o distanciamento social, tiveram essa habilidade tão importante prejudicada.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Facex - UNIFACEX, javylladanyvia112@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, lucia.cunha@facex.edu.br.

O presente trabalho científico foi dividido em três etapas: observação, intervenção e acompanhamento, a fim de responder a essa problemática é que delinham-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Mapear as interações das crianças, considerando a era digital atrelada ao distanciamento adicionando pela pandemia.
- b) Proporcionar experiências e brincadeiras em grupo, incentivando o contato e as relações.
- c) Observar os resultados após a intervenção e propostas de brincadeiras, nesse momento, apenas acompanhando e percebendo se suas ações seriam as mesmas ou se sofreriam modificações.

Este trabalho baseou-se em uma pesquisa aplicada que se configura como pesquisa-ação, onde a análise e coleta de dados se deu em uma escola privada de ensino fundamental da cidade do Natal/RN, localizada na zona sul da cidade, durante o segundo semestre do ano de 2022. Buscou-se mapear os comportamentos das crianças durante o intervalo escolar, levando-se em consideração a realidade social em que esses indivíduos conviveram nos anos marcados pela pandemia, período que deveriam estar na educação infantil.

Durante a investigação as crianças cursavam o 1º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, com idades entre 6 a 7 anos. A observação aconteceu durante o momento de intervalo, pois, é nesse período onde ocorrem diversos acontecimentos como: conflitos, distanciamento, exclusão, entre outros problemas. Considerou-se a relevância da brincadeira para solucioná-los e assim contribuir para a interação das crianças com o mundo em seu desenvolvimento.

Segundo Cruz (2016, p.284) é necessário “proporcionar a ludicidade a fim de obter momentos mais saudáveis na hora da recreação”, embora esse momento essencialmente seja um momento livre e mesmo não possuindo um formato formal de ensino, ainda sim é um ambiente educativo, pois nesse espaço é possível aprender, principalmente sobre convívio, diversidade, respeito, regras sociais e seus relacionamentos interpessoais, o fato de ser um momento livre para brincar, não retira do professor o olhar atento de perceber as necessidades de seus alunos, pois a falta de orientações podem acarretar consequências nos anos seguintes de sua escolarização e em seguida, a sua vida adulta como cidadão.

Em um período em que as relações humanas já sofrem com o distanciamento devido a tecnologia é necessário fomentar ainda mais momentos de interações, para Vygotsky (1991, p. 69) “a criança nasce em um meio cultural repleto de significações social e historicamente

produzidas”, considerando isso, como uma criança que se distancia de todos aos seus 4 a 5 anos (considerando as idades que possuem hoje), claramente essa habilidade sociais não foram desenvolvidas completamente, o que antes ocorria com muita naturalidade, hoje se faz necessário também ser mediado pela para que a falta disso não venham afetar não apenas o ambiente escolar mais sua formação humana, como ser social que somos.

Brincar também se aprende, por esse motivo brincadeiras também complementam nossa cultura. Segundo Queiroz (2006, p. 174) “a percepção infantil sobre a atividade de brincar é marcada pela influência cultural (...) desenvolvida pelo indivíduo na organização histórica de seu grupo social”. Obviamente, quando essas crianças retomam sua rotina escolar, seus comportamentos logo apontaram um déficit, resultado que ocorreu devido ao seu afastamento do ambiente escolar, se provando ainda mais agravado quando durante o intervalo as crianças não interagem entre si, mantiveram-se em seus espaços individuais, pois, suas vivências até então haviam sido solos e não grupais.

De acordo com Cruz (2016, p. 286) “atividade lúdica além de ser um aspecto fundamental na estrutura social, estimula, também, a criatividade, contribuindo para um recreio mais saudável”. Cruz (2016) aborda ainda outros aspectos que um bom intervalo pode e deve proporcionar às crianças, considerando isso, pensou-se em brincadeiras lúdicas para envolvê-los na real funcionalidade do intervalo, propondo atividade com o corpo e formando grupos para estimular a união entre eles.

Tais suposições não são descontextualizadas quando entendemos que assim como adultos sofreram com a falta de contato humano, ainda não alcançamos o total entendimento de como esse fato global afetou as crianças e como isso afetará diretamente a educação.

Sabemos que o intervalo tem como proposta principal ser um momento livre, no entanto, esse espaço também pode ser utilizado para a aprimoramento das relações humanas, aperfeiçoamento que se estenderá por toda a existência das crianças e posteriormente ao adulto-cidadão que se tornará, pois a educação forma cidadãos para a sociedade, forma para o social que constrói o futuro.

METODOLOGIA

A natureza deste trabalho teve como objetivo coleta de dados qualitativos, observando e interagindo com o local e as pessoas participantes da pesquisa que caracteriza-se como pesquisa-ação, que de acordo com Corrêa *et al* (2018, p.64);

Sendo este, portanto, um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, orientado para a resolução de problemas situacionais e específicos, movida sempre pelo desejo de mudança, de transformação, de melhoria de uma realidade educacional e/ou social.

Como já citado, o público alvo foi um grupo de crianças do 1º ano do fundamental de uma escola particular em uma zona favorecida da cidade em questão, a turma contava com quatorze crianças matriculadas e frequentando, durante o período pandêmico, todas interromperam suas atividades escolares e permaneceram assim até fim dos dois anos, o que com certeza afetou o desenvolvimento relacionado ao convívio social que apenas a escola pode oferecer em seu sentido mais amplo.

Essas crianças se ausentaram nos últimos anos da educação infantil onde busca-se amadurecer a compreensão de coletividade e do social, dos cinco direitos de aprendizagem e desenvolvimento abordados na Base Nacional Comum Curricular a primeira delas é o “*Conviver* com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro” (BNCC, 2017, p.36), ao analisar o conviver como o primeiro direito ensinado na educação infantil, compreendemos o quão significativa é essa aquisição de habilidade, pois é convivendo que se conhece e conhece o mundo, aprendendo a respeitar e a coexistir harmonicamente com as diferenças, o intervalo é um ambiente complexo e repleto de desafios pois proporciona contato com essas diferenças que muitas vezes em suas famílias não são consideradas.

Por esse motivo é pertinente destacar a relevância das aprendizagens e vivências adquiridas na primeira infância, para o docente que deve ser alguém presente para fazer mediações e/ou proporcionando brincadeiras também nesse momento de intervalo, para Silva (2016, p.4);

Podemos utilizar este ato que é natural da criança para obtermos resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem utilizando o brincar como ferramenta para estímulos educacionais, tornando essa ferramenta uma aliada.

Por razão utilizou-se brincadeiras para estimular uma transformação de comportamento por parte dos indivíduos. A pesquisa foi dividida em três etapas; sendo elas a observação sem interação com as crianças, a intervenção mediativa, trazendo propostas de brincadeiras e por último e observação novamente, sendo que agora buscando perceber se haviam mudado seus comportamentos nesse ambiente e com os colegas.

O primeiro momento contou com um período de observação que durou cinco dias, durante o momento de intervalo e também dentro de sala de aula. Apesar de ser uma turma pequena, os alunos eram muito agitados, gostavam de andar pela sala, a professora relatava que os deixava mais tempo no intervalo para que eles pudessem relaxar e conseqüentemente se envolvessem nas aulas ministradas, no entanto, durante o intervalo os alunos se dispersavam muito rápido e embora a escola disponibilizasse cordas, bolas e brinquedos, eles sentavam-se e mal corriam no espaço, isso ocorreu durante todos os dias de observação.

No segundo momento, o intervalo foi mediado durante dois dias, a mediadora trouxe propostas de quatro brincadeiras, buscando utilizar ferramentas de fácil acesso até mesmo para as crianças, para que posteriormente elas buscassem-nas sozinhas. Foram propostas as seguintes brincadeiras: corrida em equipe, mímica, terra-mar e bola-no-ar, todas essas foram bem recebidas pelas crianças, alcançando até mesmo aquelas crianças mais introspectivas.

Ao passar os dois dias de intervenção no intervalo, iniciou a terceira fase da investigação, sendo agora a observação dos resultados. Aqui buscou-se o que, de acordo com Kamii (1990, p.108):

A essência da autonomia é que as crianças tornem-se aptas a tomar decisões por si mesmas. Mas a autonomia não é a mesma coisa que a liberdade completa. A autonomia significa levar em consideração os fatos relevantes para decidir agir da melhor forma.

Ao coletar os últimos dados foi essa a proposta: possibilitar às crianças que no último momento, fosse oferecido a elas a possibilidade de fazer diferente, da mesma maneira que elas haviam adquirido o hábito de se distanciar, a escola possui a missão de possibilitar e incentivar essa readaptação ao mundo escolar a essas crianças que tiveram sua primeira infância afetada, pela Covid-19 e pela tecnologia. Relacionar-se e adquirir laços de convivência é essencial, caso não se faça algo, continuará sendo por muitos anos um dos maiores desafios desta geração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças refletem o ambiente em que vivem, por esse motivo, é relevante proporcionar orientações de brincadeiras no momento do intervalo, para proporcionar interação com o mundo a sua volta, permitindo o desenvolvimento com suas relações sociais. Considerando que atualmente os jogos eletrônicos acabam tornando as crianças cada vez mais

distantes das relações sociais em conjunto com o distanciamento social causaram comportamentos pós-pandemia permanentes, porém, não se pode apenas concordar com a realidade social vigente, a educação transforma e caso algo foi esquecido ela deve fomentar e trazer a tona novamente, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1984, p.340) “o importante não é o esquecimento, e sim a incapacidade para restituir o conceito esquecido”, por esse motivo foi importante ressignificar o intervalo.

No primeiro momento eles lanchavam e em seguida foi percebido-se que havia crianças isoladas, grupos de três ou quatro alunos conversando, não havia muita interação entre eles, embora houvesse muitas conversas durante a aula, eles se distanciaram uns dos outros nesse espaço aberto, em poucos minutos pediam a professora para voltar à sala de aula. E assim o intervalo aconteceu em todos os cinco dias. A professora levava cordas e bolas para caso eles quisessem brincar, mas não propunha nenhuma brincadeira ou dinâmica, invés disso, ficava junto às crianças as acompanhando nas conversas.

Percebeu-se uma necessidade por parte das crianças de permanecerem em ambientes fechados, pois consideravam mais confortável e mais divertido. Obviamente uma característica dos hábitos obtidos nos anos de distanciamento social. Se fazia necessária a perspectiva de mudança de hábitos que pretendia-se modificar. No segundo momento da pesquisa, foram ofertados não apenas os recursos para brincadeiras, mas propostas para tais. Eles deveriam unir-se para não deixar uma bola cair no chão, ficar atentos nas palavras “terra ou mar” para não saírem da brincadeira e correr para chegar no ponto final do desafio da corrida de grupo, nos fins dos intervalos eles terminaram suados e sorridentes, desejando mais ideias de brincadeiras. Foi sugerido então, que eles pensassem em brincadeiras novas para o próximo dia.

Por fim, chegou o último momento da pesquisa. As crianças entraram no momento do intervalo e buscaram os itens. Chegaram a perguntar à mediadora do que eles brincariam, mas foram informados que dessa vez eles teriam que brincar sozinhos e estavam livres para criar brincadeiras novas. Em seguida, a turma se reuniu e replicou a brincadeira “terra e mar” e “repassa a bola”, brincadeiras que já haviam sido mediadas, mas logo adicionaram um pique-esconde e continuaram a brincar até o fim do intervalo.

O que podemos perceber é que apesar de serem crianças muito novas, seus hábitos não correspondiam aos de uma criança dessa idade, seus hábitos eram comuns a crianças que necessitam isolar-se devido ao bem comum. É necessário cuidarmos dessas crianças que

tiveram seu desenvolvimento afetado, principalmente nas habilidades sociais. A escola e o professor precisam perceber as necessidades inerentes de seus alunos, o fato do covid-19 mudou adultos e mudou ainda mais crianças.

Aprender a conviver é tão relevante quanto qualquer matéria, é com ela que aprendemos a respeitar as diferenças, a solucionar problemas, a trabalhar em equipe e conseqüentemente a aproveitar o direito de maior significado na infância: o brincar. Durante as brincadeiras sugeridas, alunos que não conversavam, que se isolavam, estavam se envolvendo e brincando também. Concordamos em um intervalo livre, proposto para o momento de interações naturais entre eles, no entanto, esse fato não retira desse espaço a capacidade de ser um ambiente também educativo.

Nesse sentido o olhar do professor é essencialmente importante, pois é nesse ambiente que poderá localizar segregação, racismo, preconceitos e tantos outros, fatos que precisam ser debatidos dentro de sala de aula, esses acontecimentos não eram a realidade da turma acompanhada, no entanto, foi durante o intervalo que foi possível perceber o auto isolamento, o que poderia resultar em muitos dessas fotos futuramente. É importante destacar que após a intervenção o professor tornará a ser apenas um mediador/observador, para permitir aos seus alunos prática de seus aprendizados, que devem ser expressados dentro de sala e fora dela, pois isso é aprender com significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar não é apenas ensinar conteúdos, mas também preparar para o social, pois as funções de uma escola e de um professor ultrapassam o ambiente escolar. As conseqüências da tecnologia, da pandemia e tantos outros fatores afetam o desenvolvimento de nossas crianças, por tal motivo, nunca necessitou tanto perceber comportamentos ínfimos dos alunos, para que possamos utilizar não apenas a sala de aula para prepará-los, mas o intervalo, a cantina, o refeitório, assim por diante. Nossos alunos crescem e pretendemos que se tornem seres humanos com capacidades sociais bem desenvolvidas.

Ao decorrer da observação, após as intervenções foi possível perceber uma mudança no comportamento das crianças, elas começaram a reproduzir as brincadeiras, refletindo aquilo que tinham aprendido. Dessa forma, construindo uma nova cultura durante esse momento tão rico que é o intervalo escolar.



O que se aprende durante a infância molda o tipo de adulto que se tornarão, se permitimos que crianças continuem em isolamento e distanciando do outro, podemos visualizar a sociedade que se formará. A problemática existe, a partir de agora necessitamos transformá-los em seres saudáveis e em constante estímulo. É necessário formações, estudos e novas pesquisas que contemplem e preparem profissionais da educação para fomentar e despertar nos alunos aquilo que se perdeu durante esse período, a capacidade de aprender com o outro e de crescer com esse contato humano.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir realizar umas das maiores missões da minha vida, que é educar e transformar pessoas.

Agradeço aos meus pais e a minha madrasta que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e acreditando nos meus sonhos. Agradeço ao meu companheiro, apoiador e maior fã, meu querido marido, que junto comigo, me impulsiona a alcançar meus sonhos.

Agradeço também aos meus amigos, que devido a lista enorme me vejo impossibilitada de nomeá-los, no entanto, sabiam que suas palavras de incentivo nos momentos que pensei em desistir, foram também a razão pela qual estou aqui hoje, meu muito obrigada.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha orientadora e professora de maior exemplo, Dr. Lúcia Cunha, que durante toda a minha graduação foi uma inspiração e sempre será, orgulho-me de ser sua aluna. A todos vocês, minha sincera gratidão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.

CORRÊA, Giovana; *et al.* **Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa**. Ensaio Pedagógico. Sorocaba/SP. v. 2, n. 1, p. 62-72. jan/abr, 2018.

CRUZ, Joabe, et al. **Intervalo Orientado: Reflexões Teóricas e Metodológicas**. Cadernos de graduação, Aracajú. v. 3. n. 2. p. 281-290. 2016.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.



QUEIROZ, Norma, et al. **Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: Um Olhar Sociocultural Construtivista**. Paidéia, Brasília, [s.v], p. 169-179. 2006.

SILVA, Lídia. **As Contribuições do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem: Uma Visão Psicopedagógica**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, p. 4-21, jun. 2016.

VYGOTSKY, L. (1991). **A formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

KAMMI, Constance. **A criança e o número**. São Paulo: Papyrus, 1990.